

A DECOLONIALIDADE E O ENSINO DE SOCIOLOGIA - OFICINA: O ECO DA VIDA-LIBERDADE

Autor(es): SILVEIRA, Marcos Rubens¹ ; Professor Orientador² : CARVALHO, Rodrigo Chaves de Mello Rodrigues.

¹ PROFSOCIO, CCH, UVA; E-mail: markinhusciençiasociais@gmail.com,

² Docente/pesquisador, CCH, UVA . E-mail: rodrigo.chaves.mello@gmail.com.

Resumo: Este trabalho consiste na criação e aplicação no Colégio Instituto Imaculada Conceição da oficina “Eco da vida-liberdade”. O nome da oficina veio da expressão usada na poesia: ocupação de Conceição Evaristo para representar a resistência do povo negro a escravidão. O trabalho consiste também numa análise sobre a decolonialidade no currículo das Ciências Sociais, entendido como uma construção eurocêntrica da modernidade, propondo então assim uma atividade que possa buscar a decolonialidade no momento de sua aplicação, visto que apresenta um debate com uma diversidade de autores negros do continente Africano e América Latina. Por fim, realizo uma análise da experiência em sala de aula com um questionário quantitativo no início e a observação qualitativa no final.

Palavras-chave: currículo, decolonialidade, racismo.

INTRODUÇÃO E OBJETIVO(S)

A educação básica no Brasil apresenta dificuldade em todos os seus aspectos, seja a precária estrutura de uma grande parte de nossas escolas, seja a falta de formação continuada para nossos docentes, e é sobre este segundo tema a luz da lei 10639/96 que trata sobre a obrigatoriedade do ensino da cultura afro-brasileira que iniciamos este trabalho.

Porém, antes de apresentar a oficina na prática é necessário refletir sobre alguns conceitos fundamentais para esta pesquisa: Colonialidade, Decolonialidade e Racismo. Para refletir sobre o racismo, problema comum enfrentado por pessoas negras, em sua maioria pobres e oriundas da periferia, é importante compreender que a prática do racismo não é apenas um problema de um indivíduo, ou uma falta de caráter. Se assim o fosse, seria um problema de “fácil solução”, pois bastaria criminalizar o racismo e prender os racistas que eliminaríamos o problema. Porém, o racismo no Brasil é bem mais complexo e envolve estruturas e instituições que se fundaram dentro de uma lógica escravocrata e que se consolidaram a partir dela. Nesta linha de raciocínio, defende Sílvia Almeida. “todo o racismo é estrutural porque o racismo não é um ato, o racismo é processo em que as condições de organização da sociedade reproduzem a subalternidade de determinados grupos que são identificados racialmente” (ALMEIDA, 2019, p. 24) e é utilizando a compreensão de que no Brasil o racismo é estrutural que fundamentarei este trabalho.

O Processo de colonização da América foi um verdadeiro estupro. As ideias eurocêntricas criaram raças e determinaram a superioridade ou inferioridade dos indivíduos. Desse processo segundo Quijano resultou a colonialidade do ser, do poder e do saber, onde a invenção de um determinismo biológico separou e classificou seres humanos. Como consequência direta destas colonialidades os europeus estabeleceram em quase todo o mundo o eurocentrismo, uma expressão que emitiu uma ideia no mundo como um todo de que a Europa e seus elementos culturais são referência no contexto de composição de toda sociedade moderna.

A colonialidade é um conceito criado pelo sociólogo Anibal Quijano, no final dos anos 80. É a forma dominante de controle de recursos, trabalho, capital e conhecimento limitados a uma relação de poder articulada pelo mercado capitalista. Dessa forma, por mais que o colonialismo tenha sido superado, a colonialidade continua presente nas mais diversas formas e, sobretudo, nos discursos reproduzidos cotidianamente em nossa sociedade.

No Brasil, desde a criação do movimento negro e indígena, movimentos esses criados a partir da década de 1970, diversas leis foram pensadas para a produção de um currículo onde reverberassem produções de autores e autoras negros/as e que mostrassem uma nova versão da história. A partir da criação das leis 10.639/03 e 11.645/08 ficou estabelecido a obrigatoriedade do ensino de “história e cultura afro-brasileira” dentro das disciplinas da grade curricular que já fazem parte do ensino fundamental e ensino médio. Um avanço importante, pois desta forma poderá contribuir para a redução de danos causado pelo racismo estrutural de nossa sociedade. Porém, é preciso compreender que algo mais radical deverá ser feito caso queiramos reestruturar nossa sociedade, ou seja, repensar uma sociedade antirracista.

Na educação, isto passa por um currículo menos eurocêntrico, que apresente realmente a multiplicidade e a complexidade de reflexões e análises que existe na sociologia e nas ciências sociais em geral, passa por professores com formação continuada, preparados para a construção de debates em um ambiente multicultural e plural que é a sala de aula. O chão da sala de aula ainda pode ser um bom lugar para reduzir os danos do racismo e para este objetivo somente a formação continuada sobre o tema, apresentando aos docentes uma bibliografia necessária mínima para a construção de novas metodologias educacionais.

Sabemos que a colonização no Brasil foi um processo bastante duro, onde os Europeus transformaram esta região que hoje conhecemos como Brasil em todas as suas características iniciais, desde econômica a religiosa com a imposição do Cristianismo e da produção conhecida como *plantation*. Desta forma houve um apagamento da memória indígena e afrodescendente. A teoria decolonial visa fortalecer a luta contra a violência exercida pela dominação dos povos colonizados.

Atualmente esse debate tem sido trazido para a educação, pois é percebido que a colonização influenciou todo o processo educacional. Por esse motivo, diversos pesquisadores

tem se dedicado a produção de uma reflexão sobre os impactos da colonialidade na educação, bem como a defesa de uma produção de um currículo decolonial.

Para Oliveira e Braga, (2022, p. 34).

Na prática, temos estudantes com dificuldades em debater sobre os povos indígenas e professores sem subsídios para trabalhar a temática em sala de aula. Os currículos da Educação Básica e da Educação Superior (por exemplo, das Ciências Sociais e Humanas) trazem perspectivas eurocentradas, impregnadas de explicações teóricas e metodológicas europeias, portanto, fundamentadas em explicações do mundo a partir do contexto e das experiências europeias, no encaixe dos demais mundos.

A maioria dos artigos que temos encontrados analisam o processo da educação decolonial a partir da criação da lei 11.645/08. Lei essa que torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio. O que temos percebidos nesse artigo é que pouca coisa mudou com a criação da lei, pois a necessidade de material didático exclusivo para uma educação decolonial bem como a formação docente ainda é escassa.

Aqui analisaremos alguns conceitos fundamentais para o bom sucesso de nossa pesquisa: Colonialidade, Racismo e Educação.

Autor fundamental também nesta pesquisa, afirma Mignolo (2017, p. 13)

“Colonialidade” equivale a uma “matriz ou padrão colonial de poder”, o qual ou a qual é um complexo de relações que se esconde detrás da retórica da modernidade (o relato da salvação, progresso e felicidade) que justifica a violência da colonialidade. E decolonialidade é a resposta necessária tanto às falácias e ficções das promessas de progresso e desenvolvimento que a modernidade contempla, como à violência da colonialidade

A partir da análise de Mignolo podemos perceber a relação entre modernidade e colonialidade, visto que a sociologia é um projeto da modernidade ela também deve se entender como produto e produtora da colonialidade.

Dentro dessa educação decolonial que defendemos existir é importante pensar os conflitos étnicos raciais intrínsecos a educação. No Brasil uma importante autora, Nilma Lino Gomes, vem produzindo análises importantes sobre colonialidade, educação e racismo. Segundo Gomes

Uma melhor compreensão sobre o que é racismo e seus desdobramentos poderia ser um dos caminhos para se pensar estratégias de combate ao racismo na educação. Muitos professores ainda pensam que o racismo se restringe à realidade dos EUA, ao nazismo de Hitler e ao extinto regime do Apartheid na África do Sul. Este tipo de argumento é muito usado para explicar a suposta inexistência do racismo no Brasil.

Visando contribuir para um currículo decolonial e antirracista que apresento a oficina O Eco da Vida-liberdade, oficina essa realizada no Colégio Imaculada Conceição na turma do primeiro ano do Ensino Médio.

MATERIAL E MÉTODOS

Ainda que se tenha feito uso de questionários para se reconhecer o público-alvo da pesquisa quanto aos conceitos iniciais sobre o colonialidade e decolonialidade; esta pesquisa apresenta natureza qualitativa, visto que o seu objetivo principal, como citado acima, consiste na construção de uma oficina que possa apresentar uma alternativa de uma atividade curricular decolonial para a escola. É sabido por todos que a educação deve ser um processo interativo entre pares: professore aluno; aluno e aluno; e, ainda, entre professores. Essas interações, por vezes, são melhores descritas quando analisadas por meio de palavras e não apenas números traduzidos em gráficos. O presente trabalho foi realizado em um período de 04 horas-aula (h/a), de 50 minutos cada; e foi dividido nas 4 etapas descritas abaixo.

A oficina o eco da vida-liberdade realizada no Colégio Imaculada Conceição em Bela Cruz se deu em 4 aulas de Sociologia (1 mês). A oficina foi realizada pelo professor de Sociologia Marcos Rubens com a participação do professor de história Lucas Teixeira.

A primeira etapa consistiu na apresentação da oficina para os alunos, todo o seu processo e na aplicação de questionários, aos alunos envolvidos, por meio da ferramenta Google Docs e teve duração de 1 h/a. A escolha da ferramenta justifica-se quando da necessidade de evitar gastos com papeis e impressão.

No segundo momento a oficina tem início, em sala o professor realiza a apresentação do poema em vídeo de Conceição Evaristo intitulado: ocupação, após o poema abre-se para o debate entre alunos e professores sobre a o processo escravidão-resistência. Depois o professor de história Lucas Teixeira apresentou o livro O perigo de uma história única de Chimamanda Ngozi Adichie (imagem 1), debate importante para repensarmos a história do Brasil e todo seu processo de colonização, bem como o perigo de uma história única em todo processo de construção do discurso, um exemplo desta história única é a visão .



Imagem 1 – Roda de conversa: O perigo de uma história única.

No terceiro momento foi realizado um cine-debate com o curta: Dudu e o lápis cor de pele, momento este em que, após os alunos assistirem o curta puderam refletir sobre os estereótipos existentes numa sociedade estruturalmente racista como a nossa.

No quarto momento dividimos a sala em grupos de 4 pessoas, cada equipe leu um capítulo do livro Pequeno Manual Antirracista de Djamila Ribeiro, produziram um mapa mental com seu tema e em seguida apresentaram para os colegas.

Encerramos a oficina com a produção de uma sala temática onde foram produzidos a boneca abayomi. A boneca abayomi foi criada para as crianças, jovens, adultos na época da escravidão. As mulheres negras as confeccionavam com pedaços de suas saias, único pano encontrado nos navios negreiros, para acalmar e trazer alegria para todos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO -

Antes dos resultados, é necessário que conheçamos o nosso público alvo. A realização desse trabalho teve como cenário a turma do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Imaculada Conceição, composta por 25 alunos, um colégio particular onde a grande maioria dos alunos são filhos de professores e de pequenos comerciantes da cidade, por tanto apesar de ser um colégio particular, não representa alunos de uma elite de uma cidade. Bela Cruz, onde a escola está localizada, é uma cidade distante 238,2 Km da capital do estado, Fortaleza.

Diante de nossa prática docente e analisando os gráficos da pesquisa quantitativa, percebemos que a maioria dos nossos alunos tem pouco ou quase não tem acesso a autores e autoras negras, seja da América latina ou do continente africano. Na primeira questão foi perguntado: Sobre a questão racial, o quanto este tema foi trabalhado em sua sala? 75% dos alunos responderam que poucas vezes. A maioria dos colégios particulares priorizam no ensino médio o resultado no Enem e por isso pouco se tem espaço para discussões da temática afro-brasileira e indígenas. Na segunda questão foi perguntado quantos autores negros você conhece, somando poucos e nenhum 90% dos alunos responderam uma das duas alternativas, isto reflete a grande deficiência de um currículo decolonial na escola, pois é neste ambiente que os alunos tem os primeiros contatos com os livros. Mesmo autores como Ailton Krenak, Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro que tem aparecido na grande mídia recentemente são desconhecidos pela maioria dos alunos. Na terceira questão foi perguntado sobre o conhecimento dos conceitos: colonialidade x decolonialidade, 85% responderem desconhecer. Compreendido visto que são temáticas que tem relevância mais nas universidades do que no ensino básico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS ou CONCLUSÃO

É possível perceber a grande defasagem que existe na educação básica quando se trata do tema racismo e seus desdobramentos, e que mesmo após a lei 10.639/96 que obriga o ensino de cultura afro-brasileira, pouca coisa foi feita na prática.

Compreendo a relevância deste trabalho, pois, juntamente com outras futuras pesquisas e produções de materiais didáticos, formularão o meu trabalho final do mestrado profissional em sociologia. Tanto para mim como professor como para os alunos que se beneficiarão destes materiais, será uma importante contribuição para uma educação verdadeiramente antirracista.

AGRADECIMENTOS

A Universidade Estadual Vale do Acaraú pela minha formação acadêmica desde a graduação ao mestrado profsocio e ao Colégio Imaculada Conceição ao qual trabalho há 13 anos e tem sido meu lugar de trabalho e pesquisa. A essas duas instituições o meu sincero agradecimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

GOMES, Nilma. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos**. Currículo sem fronteiras. vol 12, UFMG. p. 98-109, Abril. 2012. Disponível em: <
http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/5_Gomes_N%20L_Rel_etnico_raciais_educ%20e%20descolonizacao%20do%20currículo.pdf> Acesso em 25 set. 2022.

GARCIA, Tatiane; FREITAS, Natanielly; CARDOSO, Tatiane. **A étnico-racial na formação de professores diante dos desafios culturais da contemporaneidade**. Revista de Estudo Acadêmicos de Letras. Vol.09. dez. 2016. Disponível em. <
<https://periodicos.unemat.br/index.php/reacl/article/download/1759/1644#:~:text=Nesse%20contexto%2C%20%C3%A9%20preciso%20se,vi%C3%A9s%20diferente%20as%20formas%20de>> Acesso em 17 set. 2022.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência Epstêmica: A opção decolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de letras da UFF**. Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324, 2008

OLIVEIRA, Aline Nóbrega; BRAGA, Patrícia Benedita Oliveira. Decolonialidade e Educação como devir: avanços e impedimentos da lei 11.645/08. **REALIS**. V.12. no 2. p. 1-27, 2022.